

AZEITONENSE

● PROPRIEDADE da Empresa AZEITONENSE ●
● Redacção e Administração ●
Rua da Provisão, 45, 1.º dir. — LISBOA
Toda a correspondência deve ser remetida para a Rua da Provisão, 45, 1.º, dir., — ou para Frederico Valido — Via Nogueira — Alentejo

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

● Não se recebem originaes nem publicações ●
● Não se recebem subscrições anónimas ●
EDITOR
Frederico Valido

Órgão independente defensor dos interesses de lucta e arreiores

ADMINISTRADOR
Manuel Faria de Bettencourt
Comptado e Imprensa
na Tip. Henrique Torres — R. de S. Bento, 279 — LISBOA

DIRECTOR
Gastão Faria de Bettencourt
Domingo, 21 de Setembro de 1919

PREÇO DE ASSINATURA	PREÇO POR ANO
Trimestre 400 (200 réis)	1.ª Pagm. 400 (200 réis)
Semestre 800 (400 réis)	2.ª e 3.ª Pagm. 400 (200 réis)
Ano 1600 (800 réis)	4.ª Pagm. 400 (200 réis)

Pagamento adiantado

Aos nossos assignantes

Rogamos aos nossos assignantes, que ainda não satisfizeram a importância da sua assignatura o favor de o fazerem para a Redacção d'este jornal, evitando assim enorme despeza de cobrança.

E' um pequeno favor que nada lhes custa e que nos auxilia extraordinariamente.

UM MAL A TRATAR

«A produção está desmoralizada. A produção na Europa tem um deficit que ameaça aniquilá-la, se não conseguir rapidamente um augmento das importações. Se a produção aqui não se ejaivar, é inevitavel o caos politico, moral e economico, que rematará por um desastre sem igual na historia da humanidade.»

«Assim a solução da crise europeia actual não se deve procurar na America, mas em prestimos e auxilios da America, mas em augmento internacional de produção em todos os paizes da Europa.»

Não sou eu que faço estas afirmações: falas um considerado cidadão dos Estados Unidos da America do Norte, o paiz mais liberal mais progressivo e mais rico do mundo; o paiz em que não ha miseria, em que cada individuo se considera um elemento integrante do Estado e, por isso, reconhecendo e realizando o seu dever de contribuir com o trabalho para o bem do Estado que é o seu proprio bem, produzindo o mais que pôde, instruindo-se e portanto perfeccionando os seus processos de produção.

Como ali cada um cuida só do seu mistér (uns tem o mistér de mineiros, outros o de agricultores, outros o de fabricantes de qualquer artefacto, outros de comerciantes, outros o de estudantes e instruir, e até outros o de governarem a Nação e dirigir a sua politica), tudo caminha em ordem, tudo produz, tudo ganha, tudo progride,

2.ª Publicação da Azeitonense — 21 de Setembro de 1919

M. CARLOS MARTA

Mulheres notáveis de Portugal

I

DONA INÉS DE CASTRO

Por seu lado, sentiu-se Dona Inês a principio isonhçada com o amor do principe Isonhçada apenas, porque dele, casado e futuro rei, nada teria a esperar.

Mas em breve o coração pôde mais que o raciocínio; começou a deixar-se amar, num engano de alma ledo e cego, por esse homem em cujo coração a simpatia passara a amor, e breve se trocára em peido e desvario. Facili não foi aos dois amantes recatar por muito tempo os seus relações;

Pedaços d'oiro

Qu'est-ce que la poésie?

ALBERT MUSSAT

Chasser tout souvenir et fixer la pensée,
Sur un bel ess d'or le tenir luisant,
(courante, insolite, immobile l'éclair;
L'enfer, le pur, le bien, le mal, le saint,
Aimer le vrai, le beau, chercher leur harmonie;
L'écouter dans son cœur l'écho de son génie;
Chasser, rires, pleurs, sang, sans buter l'air;
D'un souflet, d'un mot, d'un sanglot, d'un regard;
Faire un travail exquis, plein de cristal et de charme

Faire une parole, une ligne,
Du poète lui-même la passion,
Voilà son bien, sa vie et son anhel.

O que é a poesia?

Tradução de FERNANDO CALHADA

Dollar sobre o passado um vis d'equilibrio,
Fixar e um clar d'oiro a lousa phantasm;
Inletada, fluctuante, imóvel l'elav;
Tirar, sobre o sonho d'um anseio;
Modelar todo o ideal no bello e no real;
Sentir o gesto a arder no latido do ar;
Cantar, chorar e rir sem fim d'impulso d'ar;
Fazer d'un belo olhar, dum al d'uma sentida

Um primor d'arte, um mimu, um vendado encanto
Fazer palavras de pranto...
É a aspiração completa,
A vida, a paixão do poeta.

A criação da mulher

DE VICTOR CAL

Com sublime pincel e com cinzel divino
Deus compoz a mulher. Arrebatou á rosa
O esplendido matiz da cor a mais mimosa
E á neve o seu alvor mais transparente e fino.

Das estrelas tirou o lucilar continuo,
Das bombas a candura amena e delectosa;
Das garras do mar, das curvas do oceano,
E das ondas do mar, a curva sinuosa.

E fez d'estarte um ser de gentileza tanta,
Como outro igual não ha, em toda a natureza,
De formosura assim tão bella quanto santa.

E para completá-la tantissimos primores,
Poz n'esta perfeição de divina belleza
O parázio, o cêo, as graças e os amores.

denho d'uma liberdade bem entendida,
nem embates insolaves e prejudiciais,
visto que cada peça d'esta grandiosa
machina tem o seu fim, e do seu funcionamento regular é que depende o bem de todos, a riqueza da nação, e, reciprocamente, das suas condições.
Estado resulta o proveito de cada individuo.

Aquellas palavras são um conselho digno e necessario de ser seguido por porvirém de quem conhece por ex-

periencia propria os resultados da maneira de se viver americano, e de quem apalpa cois. No alto medico, o enfermo do velho continente.

A America é que tem valido á Europa n'este fim de guerra, fim ainda demora de equim-Mundo. E vai dar a presso que em volta de Afonso 4.º começou de entreter os circulos, solicitando a sua intervenção no encandalo da mancebia do infante.

Erari poria voz dos desejos da nobreza tres ideologos que muito de pertu privavam com o monarca: Pero ou Pedro Coelho, Alvaro Gonçalves e Diogo Lopes Pacheco. A certa altura, propuzeram-lhe abertamente a supressão de Dona Inês, vista a resistência do infante em não mudar de vida. Pareceu-seja dito em abono do vencedor do Salado—que é por muito tempo resistia a tais sugestões:

—Queris perdêr-lhe a rei bento,

escreveu Camões, interpretando nos Lusitão a tradução dum dos mais celebres epíodos de amor de todos os

certo limite por parte do furecedor, nem é economico nem politico recobelo por largo tempo os paizes beneficiados.

E' indispensavel produzirmos na medida das nossas necessidades, e para tal fim urge trabalhar no sentido americano.

Trabalhar muito, trabalhar bem: se não for assim apparesemos esse tal caos politico, moral e economico em que turbilhão morreremos.

Protestar contra a caresta da vida e ao mesmo tempo restringir o esforço e reclamar constantemente augmento de salario, é precisamente rematar contra a maré, é usar dos meios contrarios para se obter aquillo que se deseja.

Todas as classes da sociedade dependem uma das outras: se o lavrador tem que pagar farras altas não pode vender o seu producto barato; se o operario compra o pão caro não lhe é possivel viver auferindo pouco jornal; se os mechanicos e outros pessoal duma empresa de caminhos de ferro exigem altos vencimentos, essa empresa só pode satisfazer levantando as tarifas das transportes, o que aos accionistas e ao fisco do Estado lhes dá um acrescimo do custo de todas as mercadorias transportadas, e esses proprios empregados, como toda a gente, terá que pagar os generos por preços exorbitantes.

Um sem numero de exemplos se podem dar em todos os ramos da actividade.

Qualquer choque produzido no extremo da immensa cadeia, repercute-se até o extremo opposto, fazendo vibrar todos os elos intermediarios.

E' factio sabido em toda a parte; o trabalhador do campo, por exemplo, confessa ter vivido mais desafagadamente e com melhor alimentação no tempo em que ganhava doctos vintens em um cruzado, de que no presente em que cada dia saíra um quatinho ou os moderados dos escudos. Mas o sapateiro tambem come, tambem se veste, tambem precisa de casa para habitar, e os seus filhos, como os seus, de modo que vende a esse trabalhador um par de sapatos pelo preço de tres pares d'outras eras.

E o caso do sapateiro repete-se com o alfaiate que o veste, com o pedreiro

tempos. Por fim, tendo-lhe sido representada a morte de Dona Inês como uma indizia el' estado do Estado, ao plando á vista do rei, velho e batido de comções violentas, o perigo da união dos dois amadores,

Tras Inês ao mundo determino,
Pela Inês o dia que tem tempo,
Crendo os saqueos da morte indina
Matar do firme um o fugo acerco.

Dona Inês estava então deitro de Coimbra, numa quinta da morgue esquerda do rio (1), enquanto Dom Pedro, desceido, montava feras nos fragueros da Boira.

(1) Hoje Quinta das Lagrimas.

(Continua)

Ao correr da pena

— Enquanto não convertemos
— Uma saída acovelou esse
— d'atual diligência.
Poderão do Rio de Janeiro, M. C.
— José Maria, no "Azeiteiro",
— de 7 de Setembro de
— 1919.

Um passeio atribulado

CONTO HUMORISTICO

Manhã de 7 de Outubro de 1919.

O respretingando-se estremunha-
do, espoleitado através das cortinas
da janela de meu quarto, veio surpre-
bender-me ao espelho compondo as
dobras da minha capa da bainha.
Os estudantes nunca nabeis as quan-
tas andam, pois que não sei porquê,
tem quasi todos uma vocação especial
para empenhar o relógio. No entanto
deviam ser umas seis horas da ma-
nhã.

Eu tinha na antecessora assis-
tido à revolução que derrubou a mo-
narchia, e precisamente no dia 7 sin-
da estava por assim dizer em princípio
a epidemia do "vivório", que ali-
da hoje por vezes ataca assaz adora-
dos em portugueses.

Sahi de casa dirigindo-me ao Ter-
reiro do Paço onde tomei lugar a bór-
do de um daqueles transtallantes
que fazem as carreiras de Lisboa ao
Barreiro e vice-versa.

No caso os garçons vendiam distin-
tivos verdes e vermelhos, que todos
compravam, por serem estes os rótulos
mais praticos, que demonstravam a
adesão de quem os usava. Sim, pois
que em 6 de Outubro todos adheriram,
todos d'ram vias, homens, mulheres,
velhos, crianças... e até os recom-
nascidos dando berrando o seu aplau-
so ao novo regimen.

Certo, o espaço do silvo em pouco
reuso do vapor que se pôr em marcha.
— As galvoas cruzavam os ares por
sobre as aguas serenas do nosso for-
moso Tejo.

— Ao chegar ao Barreiro encontrei-
me sem perda de tempo para o prin-
cipal da estrada que conduz a Vila No-
gueira, onde deparei com um calcheu
um pouco rachitico e uma diligencia
de avançada edade.

— Preferi o calcheu. — Sempre reconheci
em mim a excelente qualidade de
ser comodista.

— Mal puz o pé no estribo, os transpa-
rentes animaveis, atrelados, votaram
a grève geral da classe, recusando-se
a puchar.

— Realizando actos de esabotage na
frente do pseudo-trem, berravam I...
— Queremos oito horas de inanga-
doiral!

— Queremos 200% de augmento na
fava!

— Viva a União Quadrupla Bestial
dos Pivões!

— Vivam os nobres camaradas bran-
cos e pretos!

— Abaixo os samarrosos!

E enquanto distribuíam pelos presen-
tes manifestos que inseriam o retrato
do amiserado cavallo lazarento en-
carrado pelo Tolentino, uma saravada
de pedras choveu sobre a minha cabeça,
acompanhada dos gritos agressivos de:

— Morra que é stialasma!

— Mata que é ejazuite!

O povo que se uniu aglomerado em
volta do trem, julgando tratar-se d'um
jeuita que queria fugir, agrediu-me.

Uma pedreira com pedras esverdeas
e minas calhas, partindo a...

Os animaveis não querendo o seu
movimento de classe envolvido em ma-
goes politicos, deliberaram adiar a
sua grève para momento oportuno, re-
solvendo-na a puchar vertiginosamente
a seguir a chegada de Azeiteiro, on-
de se estava sentenciado a enir de
cabeça atada.

Seria meio dia quando cheguei a Vi-
la Nogueira, onde alguns amigos me
aguardavam, e a quem perguntei a que
horas teria carro para baixo, pois que
de todo me era impossivel ficar ali.

Mas, ph suprema desventura! Tinha
apenas umas hora para estar em Azei-
teiro. Como estivesse em jejum tratei de
ir a casa do Manoel Rodrigues (o Ce-
go) onde com um excelente bife e um
bello coelho guizado, coelho este que
aí da porta da morte lavrou o seu
inergico protesto contra o facto de sal-
gumas terras os galos se latrometerem
nas suas atribuições culinarias.

Mal terminei a refeição dirigi-me
para a diligencia, essa carruigã que
a minha iustre colega nas letras, D.
Maria Candida Pereira, na sua espi-
rituosa revista que tão bem critica, que,
achia da Vila pela volta de ama
hora levando o seu primeiro andar mo-
bilado de sacos e saquinhos, malas e
bolsas e candelabros e candelas, e fê-
do apinhados de passageiros comode-
mente empacotados como sardinha de
baricas.

Depois de ter dado duas voltas em
torno do carro, estudando a forma de
enir, pois que os logares de embarque
todos tomados, e a porta achava-se im-
pedida pelas pernas d'um reconhecido
sujeito que levava ainda ao côo um
gentio garoto de 16 a 18 anos de
edade, o qual por vezes se levava sin-
do e a seguir a seguir a seguir a seguir
felpeado, que pacientemente segrava
na bocca uma trouxa feita d'um lenço
vermelho com peras dentro, consegui
arrajar uns dez centimetros de logar
no banco, onde me foi tal maravi-
lhoso e inesperado.

Um instante mais e o coitadinho sal-
tando para a boieira, pendurando no
carro a caixa do correio, fustiga os
animaveis que durante cônego a uma pri-
meira difinção sentada nas suas com-
modas e confortaveis poltronas.

Sob aquele sol abrasador, pela es-
trada fora, lentamente em era transpor-
tado ao Barreiro, onde, c'nfesso, não
dejsaria permanecer muito tempo,
pois a minha saúde a cabia a latejar da
pedra recobida.

— Ao chegar ali, a muito custo con-
segi apagar-me.

Os meus pés estavam imensamente
inchados e quasi atrofiados, e botas
e sapatos a dividir se seriam meus
e indicio em trazeiros, não fosse eu
involuntariamente trazer por engano
uns pés que certamente iniriam fazer
falta a quem os tivesse perdidos.

Mal podendo andar dirigi-me ao va-
por que me recolharia a Lisboa onde
logo ao desembarcar tive de ir a uma
farmacia consultar um medico.

Qual não é o meu espanto, porem,
quando aquele ao apalpar-me os pés,
depois de torcer um pouco o nariz, me
disse: — Tem uma queda nada gra-
ve.

— Oh homem! Isto é medonho!

— O meu amigo, se por ventura es-
tes pés lhe pertencem... tem de inme-
diatamente ser operado.

— Hei I... Operar I... ALEX. J.

— Mas é claro que não me lem-
bra de ter dado pancada alguma!

— Perfeitamente d'acôrdo, mas não
resta duvida é que os seus pés es-
tão consideravelmente deformados e é
preciso extrahir o mal.

— Bem. Nesse caso... mais aos
pés I...

— Tenha paciencia meu caro, mas
isto tem que ser.

E pegando na lanceta, escalpêlos e
n'uma formidaveis tesoura, começou a
operar a que tive de me sugerir
amarrado a uma cadeira de braços.

Uma dôr horrivel me fez berrar co-
mo um possesão.

— Prompo, prompto! Dizia-me o
doutor.

— Ora, ora, ora!... E não queria o
meu amigo ter os pés d'essa mane-
ira I...

Abri os olhos experimentando um
doce alivio.

Oh, magnifica operação I...

Oh, cirurgião abençoado!

Na minha frente o medico, mostra-
va-me um bife com batatas fritas e um
anafado coelho que tinha estirado nos
meus calcanhares.

Para uma digestão rapida não ha
nada melhor como uma viagem na edi-
licencia que faz bem a diligencia de
nos escangalhar os ossos, entre o Bar-
reiro e Azeiteiro.

9-9-1919. A. VICTOR MACHADO

Underwood

A mais cara
das maquinas de escrever

A UNI A PERFEITA

Praça Luiz de Camões, 41 a 43

ESQUINA DA

Rua do Mundo, 1 a 7

LISBOA

Telefone Central 3066

Como transformar Azeiteiro
n'uma terra digna de ser visitada

Conforme temos noticiado o nosso
director realisa, para domingo,
28 do corrente, pela 9ª e meia da noite
no club Azeiteiroense uma conferencia
de propaganda para a fundação da
Sociedade de Melhoramentos.

A entrada é gratuita, devendo os bi-
lhetes serem requisitados ao sr. Fre-
derico Valdivia.

A marcação de logares faz-se me-
diante a importancia de 20 centavos.

SARRASINA

Sola, sapato, rei, rainha,

Foi ao mar buscar sardinha,

que 'stá muito baratinha!

para a festa do juiz!

que tem pélo no avir! I...

Salta a pulga na orelha,

A batata foi pra França!

Quem quizer uma farsella,

Barrata, chiz e mal biza,

Um verdalhão de sardinha,

Vão depressa mu liqueiros

Logo A' Rua dos Fagueiros

A's Celebres Tesouras d'Ouro.

Fatos da moda

Baratinhos 111

A 1919 tem chiss de magalhões fardados.

A 1919 calça de fardados ripados e baratas.

A 1919 sobretudo de malha.

Então, vestimenta de sobretudo, saia, sa-
lta e alacimada e sobretudo para saia.Elegancia de corte, acabamento perfeccionado e
louro superior.

A's Ex... Damas

A ultima moda em Cossens e Vestidos. Em ca-
pote, realtada modista.

Estilo, realtada para senhores.

Preço baratinho.

Acabamento de sardinha.

Tesouras de Ouro

Rua dos Fagueiros, 263 a 267, loja e

12 andar (fardados querendo tudo da Prsa)

Succursal da Figueira e

Rua Caldeira das Beas, 59 a 63

(BAIRO NOVO)

Alfredo V. Resa

Chronica elegante

Casamento

Conforme noticiamos realizo-se no
domingo passado o enlace matrimonial
da Sr. D. Maria Hortencia Vidal da
Silva, gentil filha dos nossos amigos,
Sr. Manoel Pedro da Silva, concuista,
do commerciante em Lisboa e da sr.
D. Maria José Vidal da Silva, com o
sr. Antonio Lopes da Costa Junior, em-
pregado no commercio, filho do sr. An-
tonio Lopes da Costa, proprietario da
da sr. D. Maria Lopes da Costa.

A cerimonia civil realizou-se em casa
dos paes da noiva, seguindo-se lhe a
cerimonia religiosa na igreja de S. Lo-
renço. Foi celebrante o rev. prior, que
fez uma brilhante allocução, em que pôz
em destaque as qualidades dos noivos
e dos seus progenitores, seguiu-se-lhe

micas nozadas, com acompanhamento de
orgão e hinoção do Santissimo.

Foram padrinhos: por parte da noiva
seus paes, e por parte do noivo o sr.
Francisco Luiz da Costa, conhecido e
conhecido commerciante do Porto.

Terminada a cerimonia religiosa foi
servido, em casa dos paes da noiva um
delicioso tipo d'agua, fardado-se vi-
rios brudes, havendo grande animação
entre os numerosos convidados, de que
nos lembremos os seguintes: sr. norma:
Sr. Francisco Luiz da Costa Junior, sua esposa
e filha, Helder Moreira, e filha, José Luiz da
Costa e Silva e sua esposa, Eduardo Martins, sua
esposa e filha, Eduardo Santos Monteiro e
esposa, Vicente Faria de Bettencourt e sua es-
posa, Carlos Faria de Bettencourt, sua esposa e
filha, Maria Monteiro, D. Maria Rosa Mar-
ques Valdivia, D. Maria Gomes, D. Margarida
Martins, D. Guiraldes da Silva, Vidal, D. Arce-
lino Mendes da Silva, D. Rita Vidal, D. Adelia
Nogueira da Silva, D. Beatriz Vidal, D. Isabel
Mendes Pombal e filha, D. Leopoldina Costa,
Manoel Vidal da Silva, D. Maria Palmella e
filha, D. Antonia Palmella, Sr. Goncalves Raul Men-
des da Silva, Claudino Vidal Costa e muitas ou-
tras pessoas de que nos foi impossivel tomar
noti.

Na corbeille dos noivos viam-se peças de fino
gosto, sendo de:

Em seguida os noivos partiram para
o Mont'Estoril.

Aos noivos e seus paes enviamos
as nossas felicitações, desejando-lhes
as maiores venturas de que são dignos,
pelas virtudes que ornão o seu car-
acter.

Aniversarios

Fez annos no dia 18 deste mez, o
nosso amigo, sr. Herminio Mattos Ga-
lambra, a quem felicizamos calorosa-
mente.

Em viagem

Partiu ha dias para a Alemanha, o
nosso querido amigo Sr. Guilherme
Vidal, a quem desejamos uma optima
viagem, e um feliz regresso.

— Encontra-se ha dias aqui com sua
família, o nosso assignante, sr. Eduar-
do da Cunha e Silva.

Doentes

Tem sentido alivio o nosso amigo
particular sr. D. Rodrigo de Sousa
(Rio Pardo).

Desejamos-lhe lo prompto restabele-
cimento.

Nova doenca

Sangue Envenenado

Grata em todo o País com enorme intensi-
dade de uma nova doenca no sangue a que vige-
ramos designar com o nome de este segredo.

Este mal que produz uma comichão insuportavel
e mal estar geral, curar-se facilmente em pouco,

Familias (dentra tem recorrido à Farmacia
Ultramarina, em procura de remédio que tem
conseguido curar em pouco este segredo.

Actualmente os que sofrem d'esta enfermida-
de a fazem suu inimigo do DEPUTADO
DR. ANANIO DE FONSECA DUQUE, que
estabelece em pouco dias.

Unico deposito—Casa do autor

Farmacia Ultramarina

Rua de S. Paulo, 95 e 101-LISBOA

PREÇOS

1 frasco 1\$60; 6 frascos \$300

TRINDADE

A 21.200

Paz Armada

O Fado Português A Revolução

Justina de Magalhães Theresia Tavora

Fado português Calde da Moda

Julietta Rodrigues Lina Demol

Amor e Silêncio A magnum

Maria Pires Marinho Lucia Garcia

O maior successo da epoca

